

# EDUCAÇÃO SEXUAL NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Fernanda Mara Nascimento Pereira Lima

Josefa dos Santos

## Resumo

Esta pesquisa tem por objetivo, analisar estratégias que viabilizam o trabalho com a sexualidade nas séries iniciais do Ensino Fundamental, de modo que a criança passe a conhecer seu corpo e as transformações que ocorrem em seu desenvolvimento e como lidar com sua sexualidade de forma saudável. Nesta perspectiva, enfatiza-se a importância de projetos nas escolas, que permitam maiores informações e esclarecimentos sobre educação e orientação sexual. Para esta pesquisa bibliográfica, foram consultados livros e revistas de autores especializados sobre o tema, favorecendo o acesso a informações que nos proporcionaram conteúdos riquíssimos dentro da área científica e educacional, permitindo maiores conhecimentos sobre o tema abordado. Orientar crianças sobre sexualidade não é uma tarefa só das escolas, mas da família e da sociedade. Para esta orientação, é necessária uma formação continuada para pais e educadores, fazendo com que percebam a importância de se conversar com as crianças sem medo e sem tornar este assunto um tabu. Desta forma crescerão preparadas para viver em uma sociedade que enxerga a sexualidade como uma coisa banal.

**Palavras-chave:** Orientação Sexual, Família, Escola.

## **Introdução**

Ainda bem que os bebês nascem totalmente dependentes dos pais e prontos para aprender. O que aconteceria se uma criança já nascesse falando ou com valores sociais? Talvez nem aceitasse o nome que lhe escolheram com tanto cuidado.

A criança aprende pelo relacionamento afetivo que outro ser humano estabelece com ela e também com o que presencia do relacionamento entre seus pais. Por isso, todo cuidado é pouco.

A sexualidade é a priori abordada no espaço privado, pelos familiares. Sendo assim, de maneira direta ou indireta, são transmitidos os valores que cada família adota como seus e espera que sejam assumidos pelas crianças.

As primeiras atitudes iniciam-se em torno dos três anos de idade, dependendo diretamente do meio em que a criança convive e dos estímulos que recebe. As crianças não exercem atitudes eróticas se valendo de interesses e motivações sexuais, são comportamentos copiados e repetidos daquilo que a criança vê ou ouve falar sem qualquer entendimento. Quase sempre os adultos se surpreendem com as atitudes sexuais das crianças. Nem sempre os pais, educadores, familiares estão preparados para lidar com as atitudes surpreendentes das crianças, que suscitam episódios sexuais.

Como os pais devem agir diante das primeiras atitudes sexuais das crianças? Estas e outras questões serão analisadas neste artigo, na medida em que desenvolvemos a leitura dos tópicos, nos quais serão vistas todas as etapas de desenvolvimento da sexualidade da criança dentro e fora da escola, para que assim pais e professores ajudem as crianças em suas descobertas sexuais sem traumas ou frustrações.

## **Sexualidade na família: a contribuição dos pais**

Não há uma fórmula pronta de como os pais devem agir diante das atitudes sexuais das crianças, contudo, as mesmas não devem adotar comportamento de força para não despertar, chocar ou confundir as crianças com suas atitudes. Os próprios coleguinhas levam as crianças a sua auto descoberta. Nestes termos os pais precisam passar segurança e tranquilidade ao surpreenderem seus filhos em atitudes sexuais.

É importante que as crianças brinquem mais com outras crianças da mesma faixa etária, que estejam sempre à vista de alguém, que os pais conheçam os padrões culturais e comportamentais dos coleguinhas, conversem com seus filhos e indaguem sem repressões sobre as brincadeiras com seus outros colegas.

Ao surpreenderem os filhos fazendo gestos obscenos devem desviar a atenção das crianças para outras motivações sem repressão, castigos ou ameaças. Em outras ocasiões a título de diálogos, deve explicar às crianças o que é certo e errado para criança fazer. As dúvidas das crianças devem ser respondidas na medida do seu entendimento e linguajar, sem distanciar demasiadamente da verdade.

As informações sexuais não devem ser antecipadas nem devem ser negadas ou respondidas de formas evasivas, não devem deixar dúvidas na cabeça das crianças, nem deixá-las com sensação de estarem sendo enganadas.

Tudo deve acontecer muito naturalmente. Se os pais não supervalorizarem as primeiras atitudes ou descobertas sexuais das crianças, esta fase passará mais rapidamente, sem qualquer seqüela para as crianças. O grande segredo dos pais é saberem ser pacientes e sutis no acompanhamento das descobertas sociosexuais dos seus filhos. Não é uma tarefa simples para os pais responderem às indagações sexuais dos filhos e acompanharem as mudanças decorrentes de seu crescimento.

Há uma tendência natural para os pais virem seus filhos como eternas crianças, de não enxergarem que eles cresceram e independentemente da idade tendem a achar que seus filhos estão sempre aquém daquilo que realmente são, os consideram pequenos ingênuos, inocentes e puros.

Os pais são surpreendidos com indagações dos filhos, principalmente sobre aspectos da sexualidade, a partir dos três anos de idade. A perplexidade dos pais é por acharem que seus filhos não teriam tal entendimento, e surpresos tornam-se inseguros em suas respostas, às vezes optando por explicações inadequadas, que poderão confundir a criança. Os pais devem evitar atitudes ríspidas e agressivas em substituição a respostas adequadas, não se deve surpreender a criança por ela ter feito determinada pergunta, não deixe de responder às perguntas fingindo que não ouviu ou não entendeu, dar respostas ridículas que não explicam nada, são saídas esfarrapadas como se a criança não fosse perceber que está sendo passada para trás.

Os aspectos citados são situações danosas ao desenvolvimento psicossaxual sadio da criança, devendo, portanto ser evitadas. Quanto à conduta ideal dos pais em relação às perguntas sexuais das crianças, não há uma receita pronta. Cada situação tem uma peculiaridade, no entanto os pais não devem fugir do diálogo ou serem evasivos. Devem encarar com simplicidade as perguntas de seus filhos dando-lhe respostas convincentes na intenção de conquistar a confiança da criança. As mesmas nem devem ser de menos, que omite o assunto e deixe a criança insatisfeita, nem, devem ser precipitadas, de modo que antecipe conceitos sobre sexo que a criança não esteja preparada para recebê-los. As respostas mais detalhadas devem vir com o avanço da idade ou do nível de compreensão.

Os primeiros sinais de puberdade aparecem nas crianças por volta dos 9 ou 10 anos. Nessa fase, já não querem mais ser vistos tomando banho ou trocando de roupa. Não se sentem mais a vontade em ter contato físico com o adulto e, ao mesmo tempo, começa a percebê-lo de forma diferente. É importante que a intimidade da criança e seu desejo de afastamento sejam respeitados, pois ela está muito insegura com as mudanças ocorridas em seu corpo e com suas emoções.

## **O papel da escola**

Falar sobre educação sexual nas escolas requer uma parceria entre pais e professores, podendo assim esclarecer dúvidas de como lidar com as manifestações de sexualidade que aparecem nas crianças cada vez mais cedo.

Atitudes como olhar os genitais de outras crianças ou adultos, tocar em seus próprios genitais ou de terceiros, tentar dar beijos em outras crianças, roçar os genitais em objetos ou em outras pessoas, curiar outras pessoas despidas ou trocando de roupa, se deitar com outras crianças em posições sexuais, são apenas alguns exemplos comportamentais que a criança esboça naturalmente.

O tratamento da sexualidade nas séries iniciais permite ao aluno encontrar na escola um espaço de informação e formação, no que diz respeito às questões referentes ao seu momento de desenvolvimento e às questões que o ambiente coloca. Sabe-se que o desenvolvimento da sexualidade das crianças é muito influenciado pela mídia, levando para um bom ou mau caminho.

Descobrir o corpo e como ele pode dar prazer (o corpo erótico) faz parte do desenvolvimento da criança. Ao perceber a sensação gostosa que o toque provoca, ela vai querer repetir o ato. Uma conversa discreta, sem expor ou humilhar ninguém, ajuda a definir o limite entre o privado e o público, sem julgar o ato em si.

Foi a partir da década de 1970 que se intensificou a discussão sobre a inclusão do tema sexualidade nas escolas de nível fundamental e médio, pois esse tema é visto como importante para a formação global do indivíduo. Devido a crescente taxa de gravidez indesejada e risco de DST's, em meados de 1980 a demanda por trabalhos na área da sexualidade nas escolas aumentou.

De início, acreditava-se que as famílias não queriam a discussão dessa temática no âmbito escolar, mas hoje já se sabe que os pais reivindicam a orientação sexual nas escolas, por perceberem a importância para crianças e jovens, como também a dificuldade de se conversar abertamente sobre esse assunto em casa.

Cabe à escola de forma diferenciada abordar os vários pontos de vista, crenças e valores existentes na sociedade para auxiliar o educando a encontrar um ponto de auto-referência por meio de reflexão.

Tudo isso exige do educador dedicação e um estudo mais minucioso da temática. Há também as dúvidas: E se me perguntarem coisas que eu não sei? O que vou dizer sobre o sexo na adolescência? O aborto? A homossexualidade? E o que os pais vão pensar? Daí a necessidade de se trabalhar na escola com capacitações continuadas para educadores e educadoras. Com o auxílio da mídia é importante que a escola possa trabalhar sistematicamente a questão da sexualidade, pois não compete só a família.

Ao profissional compete conduzir o processo reflexivo que irá possibilitar ao aluno autonomia para eleger seus valores, posições e ampliar seu universo de conhecimentos. O educador deve ter atenção para não transmitir seus valores, crenças e opiniões como sendo verdades absolutas. O trabalho coletivo da equipe escolar, definindo princípios educativos, ajudará cada professor em particular nessa missão.

Experiências de imitar os adultos podem levar a descobertas quando feitas em clima de brincadeira. Mas, se a criança mostrar agressividade ou medo no contato físico, ela pode estar sendo vítima de abuso sexual. Mostre-se aberto a escutá-la para ter mais informações e procure a coordenação pedagógica ou a direção caso seja necessário.

O trabalho de Orientação Sexual proposto pelo PCN (volume 10), compreende a ação da escola como complemento à educação dada pela família. Assim, a escola deverá informar os familiares dos alunos sobre a inclusão de conteúdos de Orientação Sexual na proposta curricular e explicitar os princípios norteadores da proposta. O diálogo entre escola e família deverá se dar de todas as formas pertinentes a essa relação.

Segundo o psicólogo Egypto (2003, p.38), fundador do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (GTPOS), todas as escolas deveriam ter projetos específicos sobre o tema desde as classes de Educação Infantil: “Até o 5º ano, a principal tarefa do professor é observar as atividades das crianças. Nem sempre as dúvidas são expressas em palavras. Mas, se um garoto abaixa a calça ou levanta a saia da coleguinha, é hora de conversar sobre as diferenças entre meninos e meninas”.

Em entrevista à revista Nova Escola de Agosto de 2008 a obstetra Maria Helena Vilela, diretora do Instituto Kaplan, organização não-governamental especializada em formação de professores na área de Orientação Sexual afirma que o primeiro passo é o próprio professor refletir e relativizar as noções que tem sobre sexualidade. Por exemplo, não adianta discutir numa sala de aula a importância do respeito à opção sexual se em outro momento o professor faz piadas desrespeitando os homossexuais. Pois, isso irá confundir a mente do aluno seja de que idade for, se ele tem o professor como espelho, a imagem refletida por este será bem turva. Por conta disso as metodologias tem que ser bem repensadas.

## **A inserção da Orientação Sexual nos currículos escolares**

De acordo com o PCN (Pluralidade Cultural e Orientação Sexual) volume 10, uma pesquisa do Instituto Data Folha, realizada em dez capitais brasileiras e divulgada em 1993, constatou que 86% das pessoas ouvidas eram favoráveis à inclusão da Orientação Sexual nos currículos escolares.

A partir do 5º ano, é recomendável incluir o tema na grade curricular, oferecendo aulas semanais ou quinzenais. Como esse tema é delicado, com existência ainda de tabus a vencer, o ideal é a parceria com os pais, mostrando a Orientação Sexual como fator primordial para um desenvolvimento saudável. Com certeza vão aparecer alguns pais que são contra, por achar que falar sobre o assunto pode antecipar a vida sexual das crianças e jovens, ou que este tema não é escolar. O ideal é esclarecê-los sobre as manifestações comuns em cada faixa etária e mostrar o que está previsto no projeto da instituição. É bom convidá-los para palestras com especialistas, para esclarecimentos de dúvidas e a percepção da importância dessa temática.

Na escola Risco e Rabisco, em Fortaleza, a psicóloga Érica Oliveira Lima organiza uma palestra com as famílias todo início de ano. “Mostramos a eles a seriedade da iniciativa. No princípio, alguns enxergavam as manifestações dos filhos sobre sexualidade com medo. Hoje, lidam naturalmente com a situação”. (Nova Escola de Agosto de 2008).

Para a convivência saudável da criança com questões ligadas ao sexo, os pais e professores têm que ajudá-los a compreender o que se passa em cada momento de sua vida. Por isso, desde a idade da pré-escola, é preciso tratar as manifestações de sexualidade das crianças de forma natural sem julgá-las com valores de adultos. Desde pequenos, atitudes e palavras são frutos de curiosidade e do prazer, mas nem sempre tem sentido erótico ou envolvem o desejo de consumir o ato sexual, como já esclareceu o médico austríaco Sigmund Freud, criador da psicanálise.

A professora Kelly Renata Brito, do CEI Girassol, em Varginha, lembra um garoto de 4 anos que não tirava a mão do pênis. “Aproveitei a situação para contar a turma uma história sobre corpo e prazer. Em seguida, disse que é gostoso tocar partes do corpo, mas que isso não deve ser na escola, lugar de

estudar. Demorou um pouco, mas ele mudou de comportamento”. (Nova Escola de Agosto de 2008).

Se por um lado este ato tem haver com a busca pelo prazer, por outro pode ser simplesmente imitação do ato de um adulto. Sabemos que a mídia a muito influencia na sexualidade das crianças, se eles vêem pessoas se beijando na televisão querem fazer também. É neste momento que o adulto deve explicar de maneira natural o que não é coisa de criança. É aconselhável fazer uma atividade mostrando que os meninos têm pênis e as meninas têm vagina. Isso dissipa muitas fantasias.

Na fase do 1º ao 5º ano, são muito comuns brincadeiras que explorem o corpo. Ainda existem os palavrões e apelidos depreciativos ou agressivos com aspectos físicos dos outros. Assustar-se com essa situação pode constranger e criar um bloqueio na mente das crianças em relação a sua sexualidade.

Martins (2008, p.42) afirma que o correto é propor atividades que expliquem as diferenças dos gêneros, e como afirma a orientadora sexual Érica Oliveira Lima com as turmas de 5º ano da Risco e Rabisco, na capital cearense. Ela fornece materiais que contêm informações e ilustrações sobre o aparelho reprodutor masculino e feminino, que servem de base para a preparação de cartazes, para discussões sobre as diferenças emocionais e comportamentais dos dois sexos.

Devemos entender bem o motivo da existência e necessidade da Orientação Sexual nos currículos escolares, que é o de quebrar tabus e esclarecer dúvidas de alunos e pais, auxiliando no crescimento da criança a nível de sua sexualidade.

## **Assim caminha a sexualidade**

O médico austríaco Sigmund Freud dividiu o desenvolvimento sexual do ser humano em diferentes fases, conforme os órgãos, seres e objetos que proporcionam prazer e a relação que o indivíduo estabelece com eles.

- **Fase Oral**

Até os 2 anos, o órgão que concentra o prazer é a boca. É por meio dela que o bebê descobre o mundo, explorando objetos e partes do corpo. Os cuidados com segurança e limpeza são essenciais para que a curiosidade seja saciada sem afetar a saúde.

- **Fase anal**

Aprendendo a controlar o esfíncter, a criança de 3 e 4 anos sente prazer na eliminação e na retenção das fezes e da urina. Por isso, pressionar para que ele largue as fraldas gera ansiedade e angústia. O ideal é elogiá-la quando pede para ir ao banheiro ou toma sozinha a iniciativa.

- **Fase fálica ou genital**

Entre os 3 e 5 anos, a atenção se volta para o próprio órgão sexual e nasce o prazer em manipulá-lo. Essa atitude é também uma busca pelo auto-conhecimento. Meninos e meninas percebem que têm (ou não) pênis. A vagina ainda é ignorada.

- **Latência**

A curiosidade sexual existe, mas é canalizada em grande parte para o desenvolvimento intelectual e social. Apesar desse desvio da libido, dos 5 aos 11 anos a criança continua explorando as diferenças para descobrir o que é ser menino ou menina.

- **Puberdade**

Dos 12 aos 18 anos, o adolescente volta à fase genital, mas dessa vez o desejo vira vontade de fazer sexo. Os fatores sociais e emocionais que se

ligam ao prazer ganham importância. A ação dos hormônios se intensifica, e o corpo amadurece. É comum o jovem se masturbar, ter sonhos eróticos e fantasias. Nas meninas, é tempo da primeira menstruação.

Diante do exposto, pode-se afirmar que pais e professores devem acompanhar e respeitar as fases do desenvolvimento sexual da criança, pois se estas fases forem repreendidas ou puladas de alguma forma a criança pode se tornar um adulto confuso e frustrado quanto a sua sexualidade.

### **Considerações Finais**

Nesta pesquisa, foi observado que não devemos subestimar o desenvolvimento cognitivo e afetivo de crianças das séries iniciais, achando que vão demorar a se descobrir sexualmente, quando menos se espera eles vão nos surpreender com perguntas inusitadas, deixando assim o adulto sem resposta. Temos que trabalhar em nós educadores e nos pais a preparação para responder a estas perguntas tão originais. Foi visto também que a necessidade de orientações para pais e professores é bem acentuada, pois as crianças atualmente crescem cada vez mais espertas e com uma cognição mais avançada a cada dia.

Não se deve ter em mente que qualquer resposta serve para responder as questões sexuais das crianças, é preciso dar respostas convincentes e de acordo com o linguajar e a compreensão da criança, para assim não fazer com que elas tirem suas dúvidas com coleguinhas ou aprenda sozinho o que se torna uma forma errada de aprender, pois não terá orientação de alguém de sua família quer seu bom desenvolvimento.

## Referências Bibliográficas

EGYPTO, Antônio Carlos. **Orientação sexual na escola**: um projeto apaixonante. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

MARTINS, Ana Rita. O assunto é sexo, e é sério. **Revista Nova Escola**, nº214. Ago, 2008, p.: 38-43.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais. **Pluralidade cultural e orientação sexual. Temas transversais. Vol. 10**. Brasília: Secretaria da Educação Fundamental, 2001.

TIBA, Içami. **Quem ama educa!** 125ª edição. São Paulo, Editora Gente: 2002.

ARAUJO, Ceres Alves de. **Pais que educam**: uma aventura inesquecível. São Paulo, Editora Gente: 2005.

GENTILE, Paola. Eles querem falar de sexo. **Revista Nova Escola**, nº191. Abril, 2006, p.: 25.